

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Cazetta do Povo (Paraná)

Class.: Semana do Índio

Data: 20 de Maio de 1984

Pg.: 112

O problema do índio brasileiro

Raquel C. Amaral

Quando Cabral descobriu o Brasil — no dia 22 de abril de 1500 — encontrou na terra misteriosa e desconhecida, tropical e luxuriante, uma acolhida pacífica e aberta da gente que a habitava. Sem idéia da extensão da terra, ou mesmo se seria uma grande ilha, ou um novo Continente, o escriba da expedição, Pero Vaz de Caminha, foi pródigo ao dar conta a D. Manuel, rei de Portugal, da opulência e beleza da região em que pôs os pés pela vez primeira. Disse: ... "E em tal maneira he grande que querendo a aproveitar dar-se-á neela tudo que nela se pode fazer per bem das agoas que tem, pero omelhor feito que neela se pode fazer me parece que sera saludar esta gente e esta deve se r a principal semente que vosa Alteza lle deve lançar". (O português é o usado por Caminha).

E termina: "Bejo as mãos de vosa alteza. Deste porto seguro da vosa ilha de Vera Cruz hoje sexta-feira primeiro dia de mayo de 1500 - Pero Vaz de Caminha".

Vê-se por aí, a tomada da terra foi pacífica e os seus habitantes dóceis e de boa índole tomaram o primeiro contato com os integrantes da frota cabralina amigavelmente. Mas a imensidão da área descoberta foi, aos poucos, sendo conhecida e Portugal, para assegurar sua posse iniciou o

processo de seu descobrimento.

Ficou então sabendo que várias nações indígenas habitavam a terra em diversos lugares e que viviam da caça, da pesca, dos frutos e de uma lavoura assaz precária, pois eram nômades por natureza, ocupando sempre lugares às margens dos grandes rios ou perto do mar, em função de garantir a sua subsistência. Os colonizadores, porém, como era de se esperar, aterrorizaram-se com os nativos e passaram a escravizá-los, caçando-os como animais. Assim se vê que o problema do índio — até hoje insolúvel — data quase que do descobrimento do Brasil.

Em cartas enviadas a el-rei D. João IV em 1655 e ao rei Afonso VI, em 1660, o padre Antonio Vieira faz um relato fiel da situação em que ficaram reduzidos os índios de várias tribos no Maranhão, Pará, Ceará, Paraíba, Bahia e Amazonas. Foram grandemente escravizados, prestando serviços aos portugueses na mais aviltante das situações.

Pouco mais tarde o negro africano era caçado e trazido nos navios negreiros para ser vendido no Brasil. Foi esta uma das páginas mais tristes — vergonhosas — a macular nossa história. Mais dolorosa ainda, porém, foi a escravização daqueles que aqui nasceram e eram os legítimos

donos de todas as terras. Não que se queira acusar apenas os portugueses de expulsá-los para fundar cidades e povoações, o pior foi a perseguição e matança feita no intuito de se apossarem de todo o continente deixando-os cada vez mais confinados e sem possibilidade de liberdade, fluindo das dádivas que a terra generosa lhes havia oferecido. Antonio Vieira escreveu as cartas aos reis dando conta da missão por eles confiada ao grande pregador para que ele e os seus subordinados catequizessem o gentio para incorporá-lo a sociedade, aumentando assim maior grandeza a Portugal.

Anchieta e Manuel da Nóbrega — o primeiro foi o fundador de S. Paulo — tornaram-se extraordinários na difícil missão que se lhes impunha de não só catequizar, mas sim, salvar os infelizes índios da brutalidade com que eram tratados pelos bandeirantes que os arrastavam nas suas andanças em busca de ouro e de pedras preciosas.

Poucos foram os índios que se tornaram famosos pela resistência e bravura na defesa da sua gente e do seu torrão. Nós paranaenses temos a nos orgulhar dos feitos heroicos do índio Guairacá, que repelia os invasores bradando: "Essa terra tem dono!" No Rio Grande

ficou a lembrança de José Tiaraitú (Tiaraitu) S. Sepé, vencido e morto na batalha de 7 de fevereiro de 1756 no sopé da Coxilha de Sta. Tecla — perto de Bagé. Era o defensor das Missões. — (As Missões teriam ajudado a preservar nossa expansão geográfica e a cultura nativa aprimorada, trabalhada pelos jesuítas que educavam catequizando os gentios, davam-lhes abnegação e amor).

Ainda hoje continuamos vendo a luta dos poucos índios do Brasil. Continuam sendo espoliados e maltratados pelos posseiros que não vêem os meios para arrancá-los de suas terras. E de se notar que eles souberam e sabem preservar a flora e fauna, pois cultuam a Natureza.

Cândido Rondon muito lutou na defesa indígena — ele mesmo descendente de índio — para ver se conseguia dos governos pouco interessados tomassem medidas cautelares e justas.

A FUNAI mal dirigida pouco tem feito nesse sentido. Resta ao cacique deputado Mário Juruna saber e conseguir que sejam finalmente respeitadas as pouquíssimas áreas destinadas aos indígenas.

O dia 19 de abril é o Dia do Índio. Saudemos o nosso irmão índio, ele o verdadeiro dono da terra brasileira.